

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES  
INSTITUTO A VEZ DO MESTRE  
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”**

**BULLYING VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

**POR: ADRIANO IBIAPINA FERREIRA**

**ORIENTADORA  
SIMONE FERREIRA**

Rio de Janeiro  
2010

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES  
INSTITUTO A VEZ DO MESTRE  
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”**

**BULLYING VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

Apresentação de monografia à Universidade Candido Mendes como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Psicopedagogia.

Por: Adriano Ibiapina Ferreira

Rio de Janeiro

2010

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, e minha esposa que souberam com paciência compreender minha ausência em certos momentos.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de monografia a  
Todos os profissionais da área de  
Educação que se preocupam com seus alunos.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo pesquisar o fenômeno bullying; que também é chamado de Síndrome de Maus Tratos Repetitivos (SMAR), sendo um dos grandes causadores do fracasso escolar. Além de destruir as potencialidades dos alunos, ainda pode levar ao desenvolvimento de adultos agressivos, depressivos e estigmatizados. Neste trabalho teve-se como problema a ser investigado a atuação do psicopedagogo frente ao bullying, tendo como objetivo geral a prática do psicopedagogo através de intervenções que contribuem para um ambiente favorável ao diálogo e o respeito às diferenças no âmbito escolar, despertando no alunato condições favoráveis ao aprendizado.

## **METODOLOGIA**

O trabalho consiste numa investigação bibliográfica sobre o fenómeno bullying. O assunto bullying não é muito explorado em nossa literatura Brasileira. Apesar de ser notória a vivência de tal prática no âmbito escolar.

A realização da pesquisa bibliográfica contou com a leitura de autores como: Cleo Fante, Ana Beatriz B. Silva, Allan I. Beane; tendo como referencial teórico Erving Goffman, apropriando-se de seus conceitos sobre estigma e identidade deteriorada.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 1 - DEFINIÇÕES DE BULLYING.</b>	<b>09</b>
1.1 A escola como uma micro-sociedade.	16
1.2 A escola nesse contexto.	17
<b>CAPÍTULO 2 – IDENTIDADE E ESTIGMA.</b>	<b>20</b>
2.1 Duas visões teóricas sobre identidade.	22
2.1.1 Fromm e o ser humano como potencialmente bom.	23
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>O QUE VEM SER A PSICOPEDAGOGIA.</b>	<b>24</b>
3.1 Intervenções psicopedagógicas.	25
3.1.1 O reforço social positivo.	27
3.1.2 Técnicas grupais que ajudam a criar uma atmosfera eficaz.	30
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>33</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>34</b>
<b>ÍNDICE</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Atualmente a violência é um dos maiores problemas que as escolas enfrentam, a violência que vem sendo noticiada pela grande mídia, que durante anos foi silenciada, sempre ocorreram nos pátios e arredor da escola, para esta violência existe um nome específico bullying. Tal fenômeno pode ocorrer em qualquer escola, independente do nível social ou da idade dos alunos, sendo caracterizado por uma série de atividades agressivas e intencionais, que ocorrem sem motivação evidente, de forma repetitiva causando dor, angústia e sofrimento, tanto para a vítima, como ao agressor.

A escolha do tema em questão se deu sobre a atual problemática no meio educacional e social em virtude do descaso que vem ocorrendo sobre a fenomenologia *bullying*, pois a violência que vemos em nossas comunidades e escolas refletem a negligência em prover orientações aos pais. É necessário que haja uma atenção especial não só aos alunos da rede escolar e sim a todas as crianças, seja ela dentro ou fora do âmbito escolar, pois o perigo pode estar por perto e o adulto acaba não percebendo os primeiros sinais do possível bullying.

Para que se tenha uma atuação eficiente e eficaz sob o bullying é necessário saber “identificar, distinguir e diagnosticar o fenômeno, bem como conhecer as respectivas estratégias de intervenção e de prevenção hoje disponíveis.” (FANTE, 2005, p.92). Desta forma, esta pesquisa teve como problema a ser investigado a atuação do psicopedagogo frente ao bullying, tendo como objetivo geral apontar e analisar como o psicopedagogo pode atuar frente este fenômeno, por um conjunto de estratégias criando a intervenção na escola sobre o problema supracitado.

Este trabalho buscou contribuir para a divulgação do bullying e possibilitar que novas propostas de atuação de combate a este fenômeno possam surgir.



## CAPÍTULO 1

### DEFINIÇÕES DE BULLYING.

Definição da palavra bullying, palavra de origem inglesa adotada em muitos países para denominar o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. (FANTE, 2005, p.09). É o termo usado para definir a violência escolar. Bully enquanto nome é traduzido como “valentão”, e como verbo, “brutalizar”, os praticantes do bullying costumam buscar vítimas que sejam favoráveis aos seus ataques, por múltiplos motivos, desde timidez até diferenças étnicas e religiosas; podem ser praticadas tanto por meninos como meninas, independente de classe social.

É de suma importância mencionar que bullying à semelhança de outros comportamentos agressivos é identificado pela capacidade de magoar alguém e que a vítima é alvo do ato agressivo de forma constante.

Três fatores que normalmente o identificam como praticantes do bullying são:

- O mal causado a vítima não resultou somente de uma provocação, mais várias ações que se identificam como provocações.
- As intimidações e a vitimização de outro são com regularidade.
- Geralmente os agressores são mais fortes fisicamente, acaba que as vítimas geralmente não estão em posição de defesa.

Sendo Assim, são classificados cinco tipos de Bullying.

- Físico - Recurso à violência física.
- Verbal - Recurso à violência verbal.

- Relacional/Racial - Exclusão de grupos sociais / Racismo.
- Sexual - Utilização de comentários sexuais e até mesmo contatos sexuais.
- Cyberbullying: Difamação pelos recursos eletrônicos. (Orkut, MSN, MY SPACE...).

A problemática do fenômeno bullying, vem sendo investigada atualmente para a compreensão da violência escolar, como a pesquisa realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à infância e Adolescência (Abrapia, 2003) Pesquisa que baseou se em um quadro quantitativo de 11 escolas do Município do Rio de Janeiro, que contou com a participação de 5.875 alunos de 5ª a 8ª séries. Os resultados divulgados mostraram que 40,5% desses alunos admitiram estar envolvidos em bullying. (FANTE, 2005, p.47). A pesquisa acabou por revelar que o fenômeno bullying se faz presente em nossas escolas com índices superiores aos apresentados em países europeus, causando bastante perplexidade nas instituições da área educacional Brasileira.

As vítimas em sua maioria podem ser fisicamente mais frágeis que seus companheiros, sendo, cuidadosas, sensíveis, tímidas, inseguras, depressivas, com baixa auto-estima, também demonstram dificuldades de se imporem ao grupo, sendo habitualmente não agressivas, se relacionam melhor com adultos do que com seus pares.

O ato de violência acontece normalmente sem nenhum motivo que justifique tal agressão. Sendo assim a vítima não precisa ter feito nada contra seu agressor.

O fenômeno bullying está presente aonde exista relação interpessoal. Como não depende de classe social, gênero, cor, raça, e religião abrangem a todos. Os bullies, (valentões) em sua maioria, não aceitam as conseqüências de seus atos, pois optam por comportamentos de dissimulação, dizendo que nada ocorreu ou inventam algum motivo para a agressão.

São seletos, pois escolhem pessoas que geralmente não fazem parte de grandes grupos de amigos ou que vivem isoladas. Os “alvos” são crianças rotuladas. Ex: magras, gordos, ou crianças que usam óculos, os alvos, são em geral excluídos pela sociedade da similaridade.

Já os “espectadores”; presenciam a situação e nada fazem para impedir, acabam fazendo que o dominado acredite que mereça tal agressividade.

Os espectadores excluem os alvos do seu círculo de amizades, e os dominados ou vítimas tendem a evitar os espectadores considerando como inimigos.

Há diferenciação entre o bullying direto e o indireto.

O bullying direto é mais comum entre os meninos, ocorrendo no ato de chutar, bater, empurrar e roubar, também em colocar apelidos discriminatórios, pejorativos e humilhantes são formas de agressão direta.

Já o bullying indireto é a forma mais comum entre as meninas. Sendo caracterizado por forçar a vítima ao isolamento social. Dá-se através da difamação de uma pessoa. O que acaba por disseminar rumores na maioria das vezes humilhantes, sem nenhum fundo de verdade, excluindo a vítima.

Tal fato geralmente acontece quando uma aluna nova entra na escola, por exemplo. Neste caso a agressora passa então a espalhar para a turma inteira mentiras sobre a aluna. Mentiras que irão excluir a nova aluna das relações do convívio social.

O bullying é uma prática de violência física e psíquica, usamos aqui o conceito de violência utilizado por TELES & Melo (2002, p.15), que diz.

...“Violência, em seu significado mais freqüente, quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar a outra pessoa a fazer algo que não está com vontade; é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade, sob pena de viver gravemente ameaçado ou até mesmo ser espancada, lesionada ou morta. É um meio de coagir,

de submeter outrem em seu domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano”.

O que traduz muito bem quem sofre com a violência do bullying, pois é constrangida, é incomodada e vive gravemente ameaçada por outrem, seja por força física ou psicológica.

Vendo por esta ótica, a violência pode ser compreendida como uma forma de restringir a liberdade de uma pessoa, reprimindo e ofendendo física ou moralmente.

A violência é uma das mais graves formas de discriminação, constitui violação dos direitos básicos e das liberdades essenciais, como ir e vir, expressar opiniões e viver em paz em sua comunidade.

Violência interpessoal é o termo empregado para indicar a prática da violência entre pessoas que se conhecem. (TELES & Melo; 2002; p.22)

A violência é uma das responsáveis pelo bullying, pois este fenômeno está relacionado com as dificuldades emocionais de cada agressor. No quadro familiar dos agressores há sempre uma história de violência associada, ou seja, a criança com comportamentos agressivos convive com a violência de perto. (DIOGO & VILA, 2009, p.3).

Pelo constante quadro de violência em casa, ela é a única forma que os agressores conhecem como diálogo. Estes indivíduos não têm acompanhamento familiar necessário que agreguem valores para conseguirem lidar com adversidades e outros tipos de problemas.

Geralmente existem três tipos de pessoas envolvidas nessa situação: O espectador, a vítima e o agressor.

Espectador: É aquele que presencia o bullying e não interfere, por dois motivos: medo de sofrer represálias na escola ou por estar solidário com o sofrimento do outro e não ter coragem de assumir a identidade de agressor.

Apesar de não sofrerem agressão diretamente, podem sentir-se incomodados com a incapacidade de ação.

Vítima: A vítima costuma ter um conjunto de elementos, tais como: ser uma pessoa frágil, não dispor de habilidades físicas e emocionais para reagir, sentimento de insegurança e isolamento social e dificuldades de se adequar ao grupo. As vítimas são inseguras por vários motivos como: maior fragilidade emocional, problemas de fala que acabam se tornando alvos para os agressores, afetando psicologicamente a vítima. Por outro lado, também pode ocorrer com crianças igualmente fortes em termos psicológicos, embora que nesta circunstância existe a vontade de demonstrarem que são melhores, pois neste caso, a vítima é aparentemente normal e integrada, mais detém algo que chama atenção dos agressores, podendo ser mais popular, pelas suas roupas de marcas famosas.

No ambiente familiar a vítima apresenta sinais como o de evitar comentários sobre a escola, muitas vezes não procuram ajuda nem de familiares ou professores.

Agressor: Os agressores em geral são arrogantes, vêm de famílias não muito bem estruturadas ou de pobre relacionamento interpessoal afetivo com membros familiares. A falta de diálogo e de relações afetivas dentro de casa é um dos grandes causadores da reprodução da violência como resolução de problema do cotidiano. Existem ainda dois modelos de agressor: o mais impulsivo, que tem dificuldades em compreender o outro e por isso, possui uma forma mais direta e agressiva. E o agressor dissimulado, ou seja, que planejam a situação de ataque por possuírem uma boa cognição social acabam que manipulando outras crianças, fazendo o outro sofrer de uma forma que evita ser descoberto.

Existem ainda fortes suspeitas que crianças que pratiquem bullying possam no futuro adotar comportamentos anti-sociais ou violentos, ou seja, comportamentos desviantes.

As conseqüências para a(s) vítima(s):

- Percepção distorcida da realidade cognitiva.
- Perda da autoconfiança.
- Perda da auto - estima.
- Falta de concentração.
- Dificuldade de ajustamento na adolescência e vida adulta, nomeadamente problemas nas relações pessoais.
- Morte (muitas vezes suicídio ou vítima de homicídio)

Conseqüências para o (s) Agressor (es):

- Percepção distorcida da realidade cognitiva.
- Crença na força para resolução dos seus problemas.
- Dificuldade em respeitar as ordens inerentes á sociedade.
- Dificuldades na inserção social.
- Problemas de relacionamento afetivo e social.
- Incapacidade ou dificuldade de autocontrole e comportamentos anti - sociais.

A superação dos traumas causados pelo bullying constante na vida da vítima, poderá ocorrer ou não dependendo das características individuais e de como o individuo se relaciona consigo mesmo e com o meio. A não superação do trauma poderá desencadear processos prejudiciais ao desenvolvimento tanto psíquico, como baixa auto-estima, tornando-se um adulto com dificuldades de relacionamento. Podendo desenvolver também comportamentos agressivos ou depressivos.

Já o agressor de ambos os sexos, estão sujeitos a uma conduta delinqüente, como uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, agressão sem motivo, indiferença á realidade, acreditar que se deve levar vantagem em tudo, ou que se deve impor a violência em todas as ocasiões para conseguir o que se quer na vida reproduzindo o modelo que usava na escola.

Os espectadores chegam à idade adulta sendo complacentes com a injustiça e um modelo de valor pessoal, que pensa “tudo bem não foi comigo”, além da manifestação da falta de solidariedade.

Alguns aspectos devem ser observados pelos pais para identificar possíveis vítimas ou agressores, tais como:

**Vítima:**

- Menor rentabilidade escolar.
- Timidez
- Isolamento
- Constantes receios
- Baixa auto – estima
- Fraca capacidade de argumentação
- Nervosismo
- Dores de estômago
- Dores de cabeça

Como ajudar: Sem exercer qualquer tipo de pressão psicológica, tentando inteirar-se da situação diariamente, com diálogo familiar, com acompanhamento e apoio em casa.

**Agressor:**

- Instabilidade emocional
- Nervosismo
- Incapacidade para compreender as emoções dos outros
- Apresenta atitude hostil, e desafiante para com os pais e irmãos, sem levar em conta a idade ou diferença física.
- Porta objetos ou dinheiro sem justificar sua origem.

Como ajudar: Alguns especialistas defendem uma intensa intervenção psicológica, tanto no nível do agressor, como dos pais do mesmo.

É importante perceber como é que a família se organiza em termos educativos em relação á criança, tentando compreender se os pais são demasiados permissivos ou demasiados autoritários e a aplicação de algumas condutas educacionais que irão ajudar os pais a lidar melhor com a criança.

É necessário que os responsáveis pela criança reflitam sobre suas próprias condutas dentro do contexto familiar e em relação aos filhos, quanto á forma de educação que estão oferecendo aos mesmos, pois acaba não se dando conta que seus filhos reproduzem o que se manifesta no âmbito familiar, cabe aos pais refletirem sobre os valores em sua família, educando para o respeito às diferenças e para a tolerância. É de suma importância que os pais acompanhem o cotidiano escolar do seu filho, demonstrando com isso a preocupação com o desenvolvimento escolar do mesmo.

Para os pais da vítima, o diálogo é o meio mais importante de ensiná-lo a como defender-se do agressor. Os pais das crianças vítimas de bullying devem ter a sensibilidade para compreender a situação e ajudarem seus filhos a conseguirem se defenderem sozinhos. Os pais por sua vez, têm que estar a par da situação, conversando, dando força, pois as crianças perdem a auto - estima e acabam perdendo a capacidade de argumentação, desta forma o acompanhamento familiar se torna indispensável.



## 1.1 A Escola como uma micro-sociedade.

Se pensarmos na Escola como uma Micro-sociedade, veremos que a comunidade escolar tende a reproduzir a sociedade como um todo.

A escola representa o olhar da sociedade e seus preconceitos.

“No sistema escolar, encontramos outro micro-mundo, uma subdivisão denominada universo dos estudantes. Infelizmente, em grande parte das escolas, sejam elas públicas ou particulares, deparamo-nos com uma hierarquia que quase reproduz os sistemas de castas das sociedades mais desiguais”. (SILVA, 2010, p.79)

Os jovens que freqüentam a escola correspondem a grupos sociais que estabelecem uma visão de mundo diferente uns dos outros e a reprodução da exclusão se dá por questões que vai desde convicções religiosas como físicas.

Neste micro-mundo que é a escola existem arquétipos como “beleza”, que se baseia em questões físicas, o que lhes conferem grande poder de influência sobre a maioria dos estudantes.

Os neutros correspondem às meninas e meninos, que por temer a estratégia social, tentam se associarem com os ditos populares, para se manterem perto dos ídolos da escola, mesmo sem fazer parte da rede de amizade íntima com os mesmos, reproduzem assim, o modelo de exclusão, pois evitam conversar com os ditos excluídos, para não desagradar e perder uma espécie de vínculo com os populares do micro-mundo.

Os excluídos são aqueles que acabam fugindo ao padrão estabelecido pela comunidade escolar, que se baseia em arquétipos que padronizam o que é “belo” ou diz o que é “feio”, ou seja, são rotulados por serem “diferentes”, mostrando o não respeito pela diversidade cultural. Por conta disso, são alvos

prediletos para o bullying, quase automaticamente, exercem o papel de vítimas, nesse cenário que é o universo escolar, ou seja, a sociedade é construtora de valores, ditando o que devem vestir para ser “legal”, estimulam a massificação de modos de pensar e agir, levando a uma fácil manipulação de costumes, criando ou recriando coisas que são próprias da sociedade, como o preconceito e intolerância em relação aos que não se encaixam no perfil dito “diferente”, criando uma relação de etnocentrismo, de um grupo que dita o que se deve fazer.

## **1.2 A escola nesse contexto.**

O primeiro passo é a conscientização de que o bullying está em todas as instituições escolares independentes de serem públicas ou particulares, já é o começo para tentar mudar tal situação, pois a escola nega-se a se rever ao bullying, dizendo “aqui não tem bullying” é neste ambiente que o bullying é mais forte, pois é velado, não quer ser visto. Até porque muitas instituições vêem certas atitudes grosseiras entre iguais como brincadeiras normais entre jovens. De acordo com leitura sobre o tema, os espaços onde o bullying ocorre com mais facilidade, seriam o pátio durante o recreio; vestiários, corredores, cantinas, estacionamento e na sala de aula, quando o professor esta trocando de turma ou mesmo escrevendo no quadro, porém algumas áreas não há supervisão de adultos, onde tal supervisão é inadequada, ou onde haja falta de estrutura.

A criança em geral não confia nos seus professores, pois acham que não vão fazer nada sobre o assunto, pois já presenciaram professores ignorarem tal assunto com outro aluno, até porque alguns professores e administradores escolares pensam que devem concentrar-se somente no aspecto de ensino e deixar questões sociais para outros profissionais. É

importante a conscientização de toda equipe escolar sobre o bullying, e saber detectar para poder diferenciar das ditas brincadeiras da idade escolar.

Pois a não conscientização, além de fortalecer o bullying, a escola não identificara tal fenômeno em seus muros. Stephenson e Smith, e Elliot descobriram uma variedade de fatores no ambiente escolar que podem contribuir para o bullying. A seguir alguns desses fatores:

- Alta rotatividade de professores.
- Padrões de comportamento indefinidos.
- Métodos de disciplina incoerentes.
- Organização ruim (nas salas de aula, nos pátios e assim por diante).
- Supervisão inadequada (em pátios, corredores, banheiros, cantinas).
- Crianças não são tratadas como indivíduo de valor.
- Não há equipamentos suficientes (quadras de educação física, pátios, salas de aula, laboratórios).
- Falta de apoio para novos alunos.
- Professores que se atrasam.
- Funcionários ausentes nas salas durante o horário de aula.
- Intolerância a diferenças.
- Professores apontando e gritando.
- Permissão da permanência de pichação ofensiva.
- Desestimular os alunos a delatar outros.
- Inexistência de política antibullying.

- Inexistência de procedimentos claros para reportar e lidar com incidentes relacionados a bullying.
- Agressões ignoradas por funcionários da escola.
- Corredores estreitos, escuros.
- Vestiários apertados.
- Falta de apoio para alunos com necessidades especiais.
- Funcionários que fazem uso do sarcasmo.
- Funcionários que humilham alunos diante dos colegas.

Falta de espaço para atividades silenciosas.

Ou seja, o clima social da escola e a qualidade da supervisão oferecida pela mesma são muito importantes.

“Um ambiente escolar em que faltam afeto e aceitação para todos os alunos é mais passível de abrigar problemas relacionados ao bullying e a questão de disciplina. Além do mais, a escola que não tem altas expectativas de comportamento dos alunos e uma política de repreensão eficiente está sujeita a criar um ambiente nos quais os bullies prosperam.” (BEANE, 2010, p.55)

A escola precisa decodificar os acontecimentos dentro da sociedade e saber transferir para os alunos questões mais humanas do que simplesmente do currículo escolar, pois este tipo de ensino coisifica os alunos, enquanto o ensino que tem um bom clima social estimula os alunos a reflexões do seu papel dentro do contexto escolar e social uma educação não só para o mercado de trabalho mais uma educação crítica que desperta para o mundo a partir do respeito ao outro e pela dignidade humana entender que todos possuem direitos e deveres e quando alguém comete bullying esta ferindo o direito do outro, seja o de liberdade de pensamento, como a liberdade de ir e vir.

“Entretanto, quando os pais buscam auxílio na escola e esta não responde adequadamente, a solução será procurar o Conselho Tutelar, que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente

em seu artigo 232, prevê pena para quem “submeter criança ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância a vexame ou a constrangimento”. No caso de o crime ser cometido por criança menor de 12 anos, o Conselho Tutelar tem a função de chamar a atenção dos pais e da criança. Se o autor for maior de 12 anos, o caso poderá ser levado à justiça, e o juiz determinará se a punição consistirá em advertência ou em prestação de serviço à comunidade. Se, porém, o crime for praticado por um adulto, a pena prevista é de seis meses a dois anos de detenção”. (FANTE, 2005, p.78).

Repensar o papel de cidadania é dever da escola, portanto, estimular os pais e alunos sobre o ato do bullying é dizer chega a esta prática que vem durante anos destruindo e corroendo os alunos, tanto de instituições de educação pública quanto particular. Pois o regimento Interno Escolar, que serviria de parâmetro para as normas de convivência dentro da escola, deve dialogar com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), não esquecendo, portanto suas especificidades e demandas sociais de acordo com a sua realidade.

## CAPÍTULO 2

### **Identidade e estigma.**

A definição do termo identidade está voltada para as representações que o indivíduo tem de si, ou seja, conjuntos de imagens que essa pessoa tem sobre ela mesma, geralmente são valorativas, pois é inevitável não haver um julgamento de si, a partir de valores como bom, ruim, superior, inferior, desejável ou indesejável.

Está vinculada com a multiplicidade de papéis que o indivíduo vai construindo e desempenhando ao longo de sua trajetória, dotada tanto do próprio comportamento, quanto da ação que exerce para a construção de sua identidade, logo, entendemos que nessa perspectiva o indivíduo apresenta uma relação íntima com o mundo à sua volta (com seu ambiente) e interage de maneira direta. Com relação às pessoas que sofrem bullying não ocorre de forma diferente.

São pessoas que sofrem vários tipos de preconceitos, discriminações, apontamentos e censuras de diversos lados; diante disso, elas começam a introjetar sentimentos que estimulem a autodepreciação. Segundo, Goffman (2008, p.16) “o indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que nós temos”, ou seja, no que diz respeito aos inúmeros sentimentos, angústias, conturbações internas, quanto os demais os ditos “normais”, não há um distanciamento tão significativo nesse aspecto.

Neste sentido, é importante destacar que o “estigma”, está presente na vida dos que sofrem com o bullying, colaborando assim, para a distinção de como o indivíduo se vê dentro de um contexto social. Portanto, o estereótipo dos rotulados como “gordinhos, cdfs, etc.” que servem de piada para os

valentões acaba que influenciando na imagem pela qual passa para aos outros, tanto em termos de vestimentas quanto expressão corporal, compõe os signos, vinculada á “informação social” Goffman (2008, p.53), ou seja, o conjunto de informações ou características que as pessoas carregam.

...“As pessoas normais, quando estão entre si, “imitam” um tipo de estigmatizados. Em iguais circunstancias, os estigmatizados imitam os normais como a si próprios. Em tom de brincadeira, representam cenas de degradação, com um de seus pares desempenhando o papel do mais grosseiro dos normais enquanto ele interpreta momentaneamente o papel complementar, para explodir numa rebelião substitutiva”. (Goffman, 2008, p.145)

No trabalho de Goffman (2008), a questão descrita por ele, como Identidade do “Eu”, está relacionada com os papéis que o indivíduo desempenha na sociedade e a ação de seus comportamentos, no entanto, um não difere do outro, pois ambos se complementam; portanto, á construção das imagens dos que sofrem bullying ocorrem também, de acordo com a construção da sua identidade pessoal e social, estando alocados na estrutura social.

O estigma causa no sujeito a internalização de ser “defeituoso”, frente ao outro, de ser menor, de não possuir valor, isso acaba que destruindo sua identidade social, ou seja, o conjunto de representações para a comunidade ou sociedade em que o individuo participa. O que ocorre em sua maioria é o individuo caminhar para uma imagem deteriorada, passando assumir, a categoria de incapacidade frente a parâmetros estabelecidos socialmente, ficando a margem dentro do mesmo grupo social. Por conseqüência, o sujeito acredita não fazer parte da sociedade que exige semelhanças físicas dentro de um contexto, que o mesmo não se encontra se tornando desacreditado e abaixo das outras pessoas. Acabam que por assumir um papel que legitima os ditos “normais”, pois os tomam como exemplos, pela não aceitação de como se vêem frente ao outro.

Os estigmatizados carregam várias informações sociais, como andar de cabeça baixa amostrando certa inferioridade e dando visibilidade do seu estigma.

...“A identidade social estigmatizada destrói atributos e qualidades do sujeito, exerce o poder de controle das suas ações e reforça a deterioração da sua identidade social, enfatizando os desvios e ocultando o caráter ideológico dos estigmas. A sociedade impõe a rejeição, leva à perda da confiança em si e reforça o caráter simbólico da representação social segundo o qual os sujeitos são considerados incapazes e prejudiciais à interação sadia na comunidade. Fortalece-se o imaginário social da doença e do “irrecuperável”, no intuito de manter a eficácia do simbólico”. (MELO, 2000, p.3)

Tal estigma pode levar a exclusão social ou o rompimento com o mesmo, no caso de crianças que são vítimas de agressão escolar, ocorre da criança não querem mais ir à escola, pode ficar com medo de voltar à instituição escolar, pois lá esta seus agressores, a criança pode fingir estar doente, ou na verdade sentir náuseas pela ansiedade e estresse que ocorrem nos corredores escolares, levando em muitos casos a matar aulas ou fugir da escola chegando até o abandono escolar.

## **2.1 Duas visões teóricas sobre identidade.**

Tanto Goffman quanto Erikson vêem a identidade como o modo como o indivíduo se relaciona, responde ao meio, afeta e é afetado por ele, dizendo que:

“Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros a julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles”. (ERIKSON, 1968, p. 21)



Não se pode negar também que pessoas que sofreram bullying , assim como qualquer outro ser humano passam por momentos de crise, e essas crises traem mudanças significativas para a pessoa. Nos momentos de crise é que podem ser pensadas e repensadas nossas atitudes, nosso modo de levar a vida e nossa identidade. Como disse Erikson sobre o termo crise:

“Designar um ponto decisivo e necessário, um momento crucial, quando o desenvolvimento tem de optar por uma ou outra direção, escolher este ou aquele rumo, mobilizando recursos de crescimento recuperação e nova diferenciação” (Op.cit.p.14)

A crise é um momento em que o indivíduo se vê frente ao que ocorre em sua vida e toma uma direção de forma passiva ou ativa, ou seja, ou rompe com todo modelo que lhe vem sendo sugerido pela sociedade, ou aceita todos os rótulos que o levam para o estigma.

### **2.1.1 Fromm e o ser humano como potencialmente bom.**

Fromm (1965), “explica o ser humano como potencialmente bom, e somente em condições adversas pode desenvolver uma potencialidade secundária, tornando-se mau”, esse fragmento nos passa a idéia num primeiro momento de que os “bullies” são pessoas como as demais, e a partir da diversidade (pluralidade) que a mesma vem a sofrer no decorrer de suas vidas, sejam desde de dificuldades dentro de casa (convivência conflituosa com pais, e demais pessoas a sua volta) até condições ambientais ou socioeconômicas; acabam de certa forma, contribuindo de acordo com a idéia descrita acima pelo teórico, “tornando-se assim, mau”.

Diríamos então, que a questão do desvio (ou comportamento desviante) proposta por Goffman (2008), estaria entrelaçada de maneira indireta com as idéias de Fromm (1965), no que tange a compreensão do ser humano como potencialmente “bom” ou “mau”, ou seja, surgindo assim, um paralelo importantíssimo.

No entanto, é colocado pelos dois teóricos, que não necessariamente o indivíduo, assim como os “bullies”, é um ser incapaz de aproveitar as oportunidades que lhes são dadas, o problema é que na verdade, nem oportunidades lhes são dadas, o que acontece é um olhar para o bullying como um todo, e pelos supostos danos que a violência escolar desencadeia (proporciona), sem pensar que elas antes mesmo de entrarem para “bullying”, são seres potencialmente bons, e que a partir das inúmeras faltas de condições sejam elas quais forem, acabam contribuindo para serem indivíduos “maus”.

## CAPÍTULO 3

### O QUE VEM SER A PSICOPEDAGOGIA

Para a compreensão da psicopedagogia frente ao bullying, temos que entender qual o campo de atuação da psicopedagogia. No primeiro momento psicopedagogia parece à simples junção entre a psicologia e a pedagogia, usado com bastante frequência no senso comum. Quando na realidade, a psicopedagogia é um campo do conhecimento que parte da integração de vários campos do conhecimento, tais como: a psicologia, a psicanálise, a psicologia transpessoal, a pedagogia, a filosofia, a neurologia, entre outras áreas do saber.

Com a meta de adquirir uma ampla compreensão sobre os variados processos do aprender humano.

“Sabendo que, na verdade, a Psicopedagogia é um campo de atuação que, ao atuar de forma preventiva e terapêutica, posiciona-se para compreendê-lo os processos do desenvolvimento e das aprendizagens humanas, recorrendo a várias áreas e estratégias pedagógicas objetivando se ocupar dos problemas que podem surgir nos processos de transmissão e apropriação dos conhecimentos (possíveis dificuldades e transtornos), o papel essencial do psicopedagogo é o de ser mediador em todo esse movimento. Se for além da simples junção dos conhecimentos da Psicologia e da Pedagogia, o psicopedagogo pode atuar em diferentes campos de ação, situando-se tanto na Saúde como na Educação, já que seu fazer visa compreender as variadas dimensões da aprendizagem humana, que, afinal, ocorrem em todos os espaços e tempos sociais”. (BEAUCLAIR, 2010, p.01).

O Psicopedagogo tem o conhecimento de como o aluno constrói seu conhecimento, o que permite uma atuação mais segura e eficaz. Pois tem a função de buscar soluções para as dificuldades de aprendizagem, buscando atividades específicas dentro da escola. A neutralidade do papel do

psicopedagogo é negada, e este conhece a importância da relação transferencial entre o profissional e o sujeito da aprendizagem; o objetivo do psicopedagogo é levar o sujeito a reintegrar-se a vida normal, respeitando as suas possibilidades e interesses.

### **3.1 Intervenções psicopedagógicas**

O psicopedagogo deve criar a conscientização sobre o bullying escolar para ajudar a identificação dos bullies, cabendo aos profissionais da escola a leitura e pesquisa sobre tal assunto.

Para a intervenção e prevenção do bullying a equipe escolar deve, estimular o diálogo dentro da escola, mudando o ambiente escolar, para que os alunos percebam que todos devem ajudar no combate a violência na escola, repreender a violência e participar de forma ativa na cidadania. Implantar um programa de prevenção e trabalhar sobre o viés de estratégias psicopedagógicas baseadas em princípios humanos, como tolerância, respeito às diferenças, e estender a toda a comunidade escolar incluindo os pais dos alunos. O trabalho do psicopedagogo deve ser direcionado para a inclusão, a construção da auto-estima e pela valorização das diferenças; a criança não se vê como estigmatizada, mais aceita com naturalidade que todos possuem igualdade dentro do grupo, apesar das diferenças étnicas ou religiosas etc.

O psicopedagogo necessita demonstrar junto à escola, que a violência não ajuda em nada o ser humano, mais sim, o respeito a valores que irão criar uma sociedade fraterna e solidaria.

“A escola de hoje sofre a consequência dessa decadência de valores que afetou nossa sociedade durante os últimos anos. Não existe uma consciência clara, nem por parte da sociedade nem de muitos professores, sobre o que realmente significa a educação e como deve ser enfocada”. (GOMEZ, 2000, p.43).

Os valores podem ser identificados a partir de juízos emitidos pelas decisões e escolhas em determinadas situações problemáticas. A instrução educativa seleciona como finalidade diferentes tipos de valores a que convém potencializar frente a valores sociais como:

- Liberdade, justiça, verdade.
- Coerência e validade pessoal.
- Honestidade e fidelidade.
- Cooperação e solidariedade.
- Responsabilidade.
- Compreensão, amizade e respeito.
- Não-violência e paz.

Na programação de atividade é necessário organizar a aplicação de técnicas de dinâmica para potencializar a cooperação, a convivência, o respeito, a solidariedade, e a reflexão.

O psicopedagogo no processo de conscientização de pais, professores e alunos, devem fazer reuniões para tratar o assunto, também se pode usar como ferramenta pedagógica o teatro lendo histórias que de fundo tenham um conceito moral, para se compreender o bullying de outra forma. Para a prevenção do bullying todos os profissionais da escola precisam trabalhar em conjunto, o professor precisa estar atento por ter uma relação diária com os alunos.

Muitas vezes, o aluno que não se adapta sofre dificuldade de relacionamento com o ambiente, que se traduz em problemas de relacionamento pessoal com os educadores e colegas, por tal motivo o psicopedagogo é extremamente importante, pois tem conhecimento para diminuir os conflitos deste aluno.

A escola precisa deixar claro que não se aceita o bullying naquela instituição, e sim agregar a todos os alunos a participarem de brincadeiras sem nenhum tipo de exclusão, neste sentido o psicopedagogo evidencia dentro destas praticas, que toda a comunidade pertencente a escola deve colaborar na transformação de um ambiente de paz.

Na escola, a criança necessita encontrar relacionamentos afetivos e a segurança que lhe permitam conseguir uma autonomia, com isso ela vai adquirindo conhecimento e interiorizando atitudes de socialização e de relacionamento com adultos e colegas.

### **3.2 O reforço social positivo.**

O reforço é a ação que ajuda a fixar a conduta. Mais não só o professor deve participar deste processo, todos os alunos podem agir como agentes reforçadores de um modelo de comportamento. Por exemplo, na escola infantil, o reforço e a motivação devem ser trabalhados de forma continua e eficaz, também pode haver uma construção do reforço social através de estímulos segundo, Gomez (2000), no seu livro “Propostas de intervenção na sala de aula”, a intervenção pode ser feita a partir de um conjunto de estratégias psicopedagogicas tais como:

- Conceder ao aluno um prêmio inesperado por um bom trabalho realizado;
- Palavras elogiosas;
- Prestar um pouco mais de atenção;
- Dar algum reforço comestível, como balas, alguma guloseima...;
- Sorrir, demonstrando conformidade;
- Fazer um gesto de aprovação;
- Expor seu trabalho publicamente;

- Receber um aplauso dos outros;
- Fotografar enquanto a criança trabalha;
- Permitir que participe de determinados jogos e passeios;
- Utilizar algum distintivo como prêmios (adesivos), isso seria um reforço simbólico;
- Falar com os pais, valorizando seus trabalhos e suas qualidades;
- Deixar que ajude outras crianças menores e mais lentas;
- Colocar sua música favorita;
- Aceitar que escolha livremente quebra-cabeças, construções... E dar tempo para isso;
- Dar liberdade para que escolha uma atividade;
- Elogiar o trabalho de um dos alunos com dificuldades, com o objetivo de estimular os outros;
- Escrever comentários à margem dos trabalhos;
- Manter contato visual com as crianças;
- Fazer comentários positivos, sempre que possível;
- Conversar agradavelmente com os alunos;
- Dedicar especial atenção a um aluno quando considerar oportuno;
- Mostrar o aluno pessoalmente e seu trabalho a outra sala para que seja valorizado, sobretudo quando encontrou dificuldades para fazê-lo;
- Deixar tempo livre às crianças para cantar, fazer apresentações teatrais ou com bonecos, recitar poesias, ver slides, vídeos de desenhos animados, com o objetivo de que essas atividades agradáveis potencializem condutas positivas;
- Premiar as condutas adequadas e ignorar as não desejáveis, bem como o incentivo de comportamentos cooperativos, pode fazer sucesso com

determinados alunos. É conveniente levar em consideração que nem todos os alunos são reforçados da mesma forma e no mesmo momento.

Para fim de evitar problemas de disciplina, tem que haver uma melhora da dinâmica da sala de aula, levando em consideração:

1. A distribuição das mesas e as mudanças periódicas dos alunos. É bom não estarem sempre sentados na mesma mesa, mas sim que o lugar seja rotatório, pois desta forma todos vão se conhecendo e, desse modo, às vezes evitam-se condutas de ruptura.
2. Ter material comunitário ajuda na cooperação.
3. Organizar a sala de forma que possam ser realizadas atividades complementares como: oficinas de biblioteca para a leitura, jogos (construção, quebra-cabeças, etc), ficando o professor atento para que, quando um deles deixar de interessar, seja substituído por outro.
4. Não fazer com que todas as crianças sigam o mesmo programa, mas adaptá-lo ao seu nível.
5. Pode-se levar em consideração as datas importantes das crianças (aniversários), fazer um pouco de festa, parabenizá-las, cantar canções e fazer um desenho de presente com a participação de todos, coroando-a rei ou rainha naquele dia.
6. Manter contato com os pais, explicando a estruturação da sala e a dinâmica que é seguida de forma geral e individual.
7. No momento de organizar a sala, é conveniente estabelecer normas claras que possam ser bem interpretadas pelas crianças; vamos evitar dá-las de forma negativa (é proibido correr, é proibido gritar). É mais conveniente dizer: “fiquem em ordem”, “falem baixinho”. É bom também estabelecer cargos para criar responsabilidades.

Sugestões para o bom funcionamento da sala de aula devem ser propostas pelo psicopedagogo. Como criar um clima de confiança; explicar o porquê das coisas; aceitar as sugestões das crianças; explicar direitos e deveres dentro da sala; respeitar a criatividade e a iniciativa da criança;



conhecer as preocupações do aluno e responder a elas; tentar adequar os programas escolares e adaptá-los à sua realidade específica. Pois muitas vezes o que falta para o controle do comportamento social é a falta de estímulos de reforço social positivo.

### **3.2.2. Técnicas Grupais que ajudam a criar uma atmosfera eficaz.**

Por partimos de dificuldades reais que encontramos dentro do sistema escolar, deve haver uma reflexão ampla sobre o grupo de alunos dentro da sala de aula. Da mesma forma, este grupo de alunos está formado em sua maioria por adolescentes é preciso conhecer e saber lidar com este público em específico.

“As “ferramentas” que os adultos devem utilizar para intervir, evitando as conseqüências mais dramáticas nessa difícil fase de transição para a vida adulta, são: o estímulo ao diálogo, a escuta atenta e empática, a construção de vínculos afetivos fortes, o desenvolvimento de uma reflexão crítica, o incentivo à participação familiar e escolar, a orientação para a responsabilização por si mesmos e pelos outros, a criação e a implementação de regras e o estabelecimento precoce (desde os primeiros anos de vida) de limites muito bem definidos”. (SILVA, 2010, p.69)

Reconhecendo os sintomas de um conflito antes que ele se produza é uma boa estratégia para evitar a indisciplina. (GOMEZ, 2000), observar as atitudes positivas ou negativas do grupo, conhecendo sua coesão com o que se e trabalhado ou manifestações de desagregação e os diferentes papéis que são adotados pelos membros da sala, são estratégias ou recursos que devem ser adotados na escola, partindo de uma série de exercícios ou técnicas que terão como objetivo final a dinâmica positiva do grupo, e como objetiva específica o de se apresentar ou se fazer conhecer pelos demais, conhecê-los e valorizá-los, evitar tensões ou fazer contato com os outros, a simples narração de um tema permitira varias opiniões e discrepâncias sobre o assunto abordado. As técnicas fundamentais ou clássicas agrupam-se em:

1. Técnicas docentes: O simpósio, a mesa-redonda, o painel e o debate.

2. Técnicas discentes: O Philips 66, seminário, pequeno grupo (brainstorming de idéias, estudo de casos, dramatização de situações).

3. Técnica discente-docente: A entrevista e o fórum.

4. Simpósio: Consiste em desenvolver um tema ou expor uma opinião por vários alunos que se preparam com antecedência, cada um deles se responsabilizando por um aspecto determinado. Trata-se de coordenar informações complementares. Os alunos se documentarão prévia e suficientemente em cada um dos aspectos do assunto. Os números dos que intervêm costuma ser de quatro a seis, além do moderador, e cada intervenção dura uns dez minutos aproximadamente.

5. Mesa - redonda: Neste caso os alunos, que em suas intervenções agem como no simpósio, mantêm posições divergentes, contraditórias, coincidentes ou complementares sobre o mesmo tema, sucessivamente. Cada um deles pode representar um grupo ou uma corrente de pensamento. A classe age como grupo espectador, embora no final possa manter um diálogo com a mesa.

6. Painel: Aqui o grupo de alunos discute em um diálogo animado, de modo informal, intercambiando opiniões que normalmente são diferentes. O coordenador limita-se a apresentar brevemente o tema e no final resume as conclusões ou sintetiza as atitudes de todos.

7. Debate: Geralmente dois alunos, que se preparam e representam duas opiniões ou posturas diferentes e majoritárias no grupo, se enfrentam diante de uma assembléia, tenta apresentar as razões para antepor uma opinião à outra e convencer os outros.

8. Phillips 66: Consiste em dividir o conjunto classe em grupos de seis, que durante seis minutos resolvem um problema ou debatem uma questão. O agrupamento fica fácil se os assentos forem móveis. Cada grupo de seis escolhe um secretário que resume as conclusões. É um procedimento rapidíssimo para que a classe intervenha. São ouvidas as opiniões de todos.

Os secretários, no breve resumo final, mostram a opinião de cada grupo e em poucos minutos estabelece-se ativa participação da classe toda no tema suscitado.

9. Seminário: Trata-se de um grupo que oscila entre dez e vinte, no qual se discute um problema por todos. Costuma haver um presidente, cuja missão é tentar fazer com que ninguém concentre excessivamente o tempo, para que todos intervenham. Um relator anotarà o andamento do trabalho ou dos pontos de vista colocados em jogo. As conclusões podem ser expostas, no final, para o restante do grupo - classe.

10. Pequeno grupo: É um grupo reduzido de pessoas, ideal para qualquer atividade ou técnica. O brainstorming de idéias estimula a criatividade dos sujeitos, porque no espaço cordial do pequeno grupo, deliberadamente, soltam-se as rédeas, sem nenhuma crítica, com toda a liberdade, a tudo o que possa se apresentar como inovador. Suscita-se a espontaneidade dos integrantes. No estudo de casos, analisa-se exaustivamente, de múltiplos pontos de vista, uma realidade concreta, estimulando todos a um compromisso pessoal ou em grupo.

11. O rol-playing ou dramatização de uma situação: Consiste em que vários alunos assumam os papéis correspondentes aos personagens, situações ou atitudes que mais interessam à classe. Cada um tenta viver seu papel a fundo, assumir a personalidade ou situação que pretende evocar e mantê-la em um diálogo apaixonado e dramático com os outros.

12. Sessão de tribunal: É uma técnica emprestada do mundo da justiça. O grupo dramatiza um problema no formato de julgamento. A classe toda participa na preparação da sessão. A encenação deve ser elaborada em todos os detalhes e a classe deve ficar disposta como uma sala de um tribunal.

13. A entrevista: Apresenta múltiplas modalidades. Um aluno, em nome de seus colegas, pode interrogar o outro, o professor, o coordenador ou um grupo, sobre qualquer tema ou situação. O número de entrevistadores pode ser

multiplicado e cada um pode falar a título pessoal ou representando o grupo, expondo aos outros o resultado e todos juntos, chegando a algumas conclusões.

14. O fórum: Geralmente é uma técnica empregada depois de outras. Todo o alunato discute, de maneira espontânea, sobre um problema proposto. A ordem das intervenções responde somente à vontade dos que a solicitarem, geralmente levantado á mão. O moderador limita-se a conceder a palavra.

O psicopedagogo deve coordenar grupos de prevenção ao bullying escolar. Fortalecer e estimular programas que favoreçam atitudes de socialização das crianças, reduzindo problemas de comportamento na escola e de índices de criminalidade que ainda poderia se desenvolver. O psicopedagogo precisa desenvolver na instituição e nos envolvidos com ela, uma postura comprometida com valores humanistas, capacidade de constatar com exemplos de posturas discriminatórias e preconceituosas vigentes na sociedade. (LITTIG, 2010).

## CONCLUSÃO

A escola é o primeiro lugar de socialização do indivíduo, por isso tem um papel de suma importância na transmissão de valores morais e humanistas, não se restringindo aos conteúdos escolares, mais aprendizados para a vida. Neste sentido a escola deve lutar contra a violência criando um clima favorável ao ensino aprendizagem. O primeiro passo na luta contra o bullying, inicialmente é o reconhecimento da existência de tal fenômeno e a conscientização dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento sócio-educacional e para a estruturação da personalidade de seus alunos.

Após o reconhecimento do problema dentro da escola a mesma necessita capacitar seus profissionais para a identificação e intervenção e o encaminhamento adequado a todos os envolvidos no caso.

As instituições de ensino têm como dever conduzir o tema a uma discussão ampla, com a inclusão de toda a comunidade escolar e entorno envolvido no caso. Para traçar e executar estratégias preventivas dentro deste quadro. Para tanto, é preciso contar com profissionais especializados sobre o tema estando entre eles profissionais de diversas áreas do conhecimento, como psiquiatras, psicólogos, pediatras, psicopedagogos e assistentes sociais. Sendo imprescindível a parcerias com instituições públicas ligadas à educação e ao direito, tais como: Conselhos tutelares, Varas da Infância e Juventude, Delegacias da Criança e do Adolescente, Promotorias Públicas, Promotorias da Educação. Tal junção é capaz de multiplicar a rapidez sobre as medidas a serem tomadas contra este problema.

O bullying pode ser através de agressões físicas ou psicológicas que que vão corroendo a identidade da pessoa, ou seja, como ela se vê frente ao

outro que acaba caminhando para a identidade deteriorada, trazendo conseqüências como baixa auto-estima, isolamento e baixo rendimento escolar.

Portanto o papel do psicopedagogo na escola é de criar estratégias que visam à inclusão dos alunos e o respeito à diversidade dentro do âmbito social e escolar. Esta mudança de mentalidade acaba afetando de forma positiva a escola, que vai contra o paradigma da violência e do abandono, pois a escola deve ser a continuação do ambiente familiar, fazendo com que a criança se sinta interessada em aprender e não com medo de ir à escola.

## BIBLIOGRAFIA

BEANE, Allan I. **Proteja seu filho do bullying**. Rio de Janeiro – Editora BestSeller, 2010.

BRASIL. Campanha Nacional pelo Direito à Educação. **A Educação Na América Latina: Direito Em Risco**. – São Paulo: Campanha Nacional pelo Direito à Educação, ActionAid Américas, 2006.

ERIKSON, Erik H. **Identidade juventude e crise**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo- ED. Verus. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: ED. Paz e Terra, 1996.

FROMM, Erich. **O coração do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMEZ, Maria Teresa. **Propostas de Intervenção na Sala de Aula**. São Paulo- ED. Madras. 2003.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro – ED. Objetiva, 2010.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2002. (Coleção Primeiros Passos).

VISCA, Jorge. **Psicopedagogia : Novas Contribuições**. Rio de Janeiro – Nova Fronteira, 1991.

## WEBGRAFIA

BEAUCLAIR. João. **O que é Psicopedagogia?** /ARTIGO/ Site **psicopedagogia online**. 2004.

Disponível em: <[www.psicopedagogiaonline.com](http://www.psicopedagogiaonline.com)>

Acesso em: 07 / 06 / 2010. Hora: 09:30 min.

CARVALHO. Marília Pinto. **Violência nas Escolas: O “bullying” e a indisciplina**. 2010.

Disponível em: < [www.observatoriodainfancia.com.br](http://www.observatoriodainfancia.com.br) >

Acesso em: 06 / 08 / 2010. Hora: 20:20 min.

Site da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência. **Programa Anti-bullying**.

Disponível em: < [www.abrapia.org.br](http://www.abrapia.org.br) >

Acesso em: 07 / 08 / 2010. Hora: 14:10 min.

[www.bullying.co.uk](http://www.bullying.co.uk), Acesso em: 13/06/2010. Hora: 17:00 min.

[www.bullyingonline.org](http://www.bullyingonline.org) Acesso em: 13/06/2010. Hora: 17: 20 min.

[www.stopbullyingnow.com](http://www.stopbullyingnow.com) Acesso em: 21/07/2010. Hora: 20:30 min.



## **ÍNDICE**

**AGRADECIMENTOS**

**DEDICATÓRIA**

**RESUMO**

**METODOLOGIA**

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO**

### **CAPÍTULO 1 – DEFINIÇÕES DE BULLYING.**

1.1 A escola como uma micro – sociedade.

1.2 A escola nesse contexto.

### **CAPÍTULO 2 – IDENTIDADE E ESTIGMA.**

2.1 Duas visões teóricas sobre identidade.

2.1.1 Fromm e o ser humano como potencialmente bom.

### **CAPÍTULO 3 - O QUE VEM SER A PSICOPEDAGOGIA.**

3.1 Intervenções psicopedagógicas.

3.1.1 O reforço social positivo.

3.1.2 Técnicas grupais que ajudam a criar uma atmosfera eficaz.

**CONCLUSÃO**

**BIBLIOGRAFIA**

**ANEXO**

**ÍNDICE**